

## **Sinai(s) de Perigo: Uma análise à segurança nacional do Egipto de Abdel Fattah el-Sisi**

*Ao longo deste artigo, pretendo analisar as políticas de segurança nacional levadas a cabo por el-Sisi, no sentido de travar a insurreição jihadista.*

Detentor do poder durante 30 anos, foi no dia 11 de Fevereiro de 2011 que Hosni Mubarak renunciou, na sequência das acusações de corrupção, abuso de poder e violações de direitos humanos. Estes protestos surgiram como consequência da Primavera Árabe, iniciada na Tunísia, em Dezembro de 2010. Após Mubarak, o Egipto passou por diversas transformações políticas. O primeiro resultado democrático foi a vitória de Mohamed Morsi, membro do partido Islâmico da Irmandade Muçulmana, em 2012. Porém, a história repetiu-se: protestos contra a imposição da lei islâmica, perseguição de adversários políticos e violações dos direitos humanos.

Foi neste cenário caótico que surgiu o golpe de estado liderado pelo então general Abdel Fattah el-Sisi, que acabou por resultar numas eleições criticadas pela falta de liberdade e justiça política. Ainda assim, facto é que el-Sisi ficou na história como sendo o 27<sup>a</sup> presidente da história egípcia, desde a sua independência em 1952.

### **Fórmula de el-Sisi: Autoritarismo + Repressão = Segurança**

Entender o Egipto é tão complexo como entender o trabalho de el-Sisi. Do ponto de vista económico, os militares assumiram o controlo dos grandes sectores da economia e anularam o sector privado. Quanto à política externa do Cairo, el-Sisi procurou reduzir a dependência de Washington, então reforçou laços com Moscovo e com os países do Golfo. Este herdou uma nação em caos total, numa situação socio-económica prestes a colapsar. Ora, a solução foi simples, logo de início: mão de ferro. Foram erradicadas as vias de dissidência, as violações de direitos humanos aumentaram e não existia oposição organizada.

Todavia, com a repressão veio também uma normalização de um conceito de “dar com uma mão e tirar com duas”, isto é, enquanto resolveu problemas securitários, retirou liberdades e direitos básicos ao seu povo. Um exemplo demonstrativo desta política é a atitude do governo central na Península do Sinai – região que representa um espinho para el-Sisi. É aqui que são preparados ataques terroristas contra as principais cidades e atracções turísticas egípcias.

### **O jihadismo no Sinai do Norte**

Nos últimos anos, 137 dos 151 ataques com explosivos, no Egipto, aconteceram no Sinai, sendo que a grande maioria foi, mais especificamente, no Sinai do Norte. Desde 2011 e, sobretudo em 2013, o grupo *Wilayat al-Sinai* (afiliado ao Estado Islâmico) tem sido o principal desestabilizador na península,

sofrendo um enfraquecimento na sua insurgência entre 2013-2017. Já na parte Sul, o território está controlado pelo governo do Cairo.

### **El-Sisi: um Onúris do século XXI**

O presidente egípcio tem assumido esta posição de “deus da guerra, assassino de inimigos”, levando a cabo medidas e investimentos, com a finalidade de travar a ofensiva terrorista presente no seu território. Têm sido investidos milhares de milhões de libras egípcias no Sinai – no Sinai do Norte, canalizadas para educação, saúde, infraestruturas, água e transportes; enquanto que, no Sinai do Sul, os fundos foram encaminhados para a irrigação, agricultura e educação.

Esta política demonstra que, para el-Sisi, o Sinai não constitui uma zona de guerra, mas antes uma região problemática que deve ser reforçada através de investimentos.

Embora el-Sisi seja, indiscutivelmente, um ditador, a análise ao seu trabalho enquanto líder de um país com tamanha importância estratégica não pode ser classificada como pior que os seus antecessores, na medida em que o regime do Cairo não se conformou com a repressão no combate ao terrorismo no Sinai e avançou para investimentos no capítulo do desenvolvimento socio-económico.

Registam-se igualmente óbvios problemas de violações de direitos humanos por parte da administração egípcia até se verificar que os acusadores permanecem em silêncio perante injustiças e promoção do caos por parte dos países “aliados”.

Este colosso que une o Norte de África com o Médio Oriente ambiciona sair desta espiral de terror para voltar aos tempos de bonança e, para isso, pretende começar por mostrar ao mundo que as situações securitária, social e económica caminham para a estabilidade.

---

Hugo Carvalho Oliveira

Março, 2023